

**PROJEÇÕES DE IMAGENS DOCENTES PELOS DISCURSOS:
REPRESENTAÇÕES E MEMÓRIAS**

*PROJECTIONS OF IMAGES BY TEACHERS SPEECHES: REPRESENTATIONS AND
MEMORIES*

Maria Alzira Leite¹

RESUMO: O presente artigo objetiva iluminar as representações acionadas por um grupo de educadores sobre o ser docente. A premissa que orienta este estudo é a de que as nossas crenças e os nossos valores são consolidados nas práticas das quais participamos. Então, apresenta-se algo e atualiza-se esse representar, de acordo com a nossa história de vida, com as nossas experiências individuais, por meio das interações. Para este estudo, foram gravadas respostas de entrevistas, as quais foram analisadas com vistas a mapear os movimentos das representações. Diante disso, propôs-se um percurso metodológico, pautado numa abordagem linguístico-textual-discursiva, à luz de princípios sociointeracionistas, com vistas a flagrar nos modos de enunciar dos participantes da pesquisa, regularidades que possam revelar novas configurações das imagens docentes ou acentuar àquelas já estabelecidas. De natureza explicativa e interpretativa; abordagem qualitativa, esta investigação nos fez perceber como os discursos podem revelar representações, pautadas nas ações coletivas e individuais, constitutivas do processo de construção da figura do profissional do ensino. Os exemplos discutidos revelam que os modos de enunciar, dos educadores, projetam imagens e sentidos ancorados numa memória, e estes se refletem em modelos elaborados e partilhados de professores, hoje, ressignificando os papéis, os posicionamentos e as representações com relação ao ser e ao fazer docente.

PALAVRAS-CHAVE: Discursos; professores, representações.

ABSTRACT: This article aims to illuminate the representations driven by a group of educators on teaching status. The premise that guides this study is that our beliefs and our values are consolidated in the practices in which we participate. Then, it presents something and updates to this represented, in accordance with our life story, with our individual experiences, through the interactions. For this study, interview responses were recorded, which were analyzed in order to map the movements of representations. Therefore, proposed a methodological approach, based on a linguistic-textual-discursive approach, in light of sociointeractionists principles, as seen in the catch in speech of participants, regularities that may reveal new images or enhance those teachers settings established. Explanatory and interpretative nature; qualitative approach, this research has made us realize how discourses can reveal representations, guided by the collective and individual actions, which constitute the process of building professional teaching figure. The discussed examples show that in speech, educators, project images and meanings anchored in a memory, and these are

¹ Doutora em Linguística e Língua Portuguesa pela PUC MINAS e professora do Mestrado em Letras na UninCor. Email: <mariaalzira35@gmail.com>

reflected in elaborate models and shared teachers today redefines the roles, positions and representations with respect to being and do teaching.

KEYWORDS: Speeches; teachers, representations.

INTRODUÇÃO

A discussão proposta aqui faz parte das minhas ações de investigação na PUC Minas, que, desde 2009, no âmbito de suas pesquisas de iniciação científica, mestrado e doutorado, vêm se dedicando ao estudo das práticas de letramento, do processo de formação de professores e das representações que perpassam o ser/fazer docente.

Logo, seguindo essa linha investigativa, numa tentativa de compreender fatores que concorrem para as representações do professor apresentadas/construídas nos seus modos de dizer, a reflexão que aqui se apresenta vem sendo tecida no campo de estudos que privilegiam a análise da materialidade linguístico-textual de discursos produzidos em entrevista para a pesquisa de doutorado intitulada “Olhares para o professor: representações sociais na trama da teia discursiva de educadores” (LEITE, 2014).

Assim, o objeto deste estudo é o discurso sobre o docente; noutros termos, os dizeres que atravessam esse profissional. Ressalta-se que discorrer sobre o professor é complexo, pois desafia o entendimento acerca da imagem e, ainda, do fazer docente. Implica, também, questionar as práticas, mobilizar emoções e desequilibrar representações já consolidadas.

E, ainda, estudar os discursos que envolvem o ser docente é instigante, pois permite uma reflexão sobre outro objeto aliado a esse profissional, que é o seu trabalho. Pensar nos discursos que perpassam o trabalho dos professores implica considerar como eles são vistos e se veem, o que de certa forma nos convida a levar em consideração o trabalho do professor como construção social, reflexo das mudanças sociais, que acarretam diferentes maneiras de organização do trabalho e, também, os novos olhares sobre as suas ocupações e acerca deles mesmos.

Convém destacar que, a direção que se propõe para este estudo visa, principalmente, a uma análise de caráter linguístico-textual-discursivo, pautada em categorias dos modos de enunciar, para o exame do movimento da (re)construção da(s) representações sociais sobre o professor, o que, segundo o ponto de vista deste trabalho, pode afetar a forma de esse sujeito conceber a si mesmo e a sua relação com o mundo.

Nessa linha, o primeiro objetivo deste artigo é verificar como as representações sociais flagradas nos discursos podem re(definir) figura(s) docentes. Secundariamente, espera-se que este estudo possa também contribuir para pesquisas que se dediquem ao exame de mecanismos e estratégias enunciativas que põem em cena representações em atividades de interação nas esferas formativa ou profissional no âmbito educacional.

Julgo pertinente esclarecer que, esta seção em curso tem como finalidade apresentar a justificativa para a escolha do objeto de estudo, bem como os objetivos a serem alcançados. Na segunda, há uma exposição acerca da representação nos modos de enunciar. Na terceira, exponho o percurso metodológico e, na quarta, as discussões dos resultados obtidos. Nas considerações finais, apresento a avaliação geral das análises da pesquisa empreendida, deixando algumas considerações sobre as contribuições da linguística para o mapeamento das representações sociais.

REPRESENTAR NOS CAMINHOS DISCURSIVOS

É fato que perpassam em nossos discursos as crenças, os valores e a nossa história, que vão além de um conjunto de signos tratados como significantes, remetendo-nos a determinados conteúdos. Sobre isso, assim ressalta Foucault:

[...] gostaria de mostrar que o discurso não é uma estreita superfície de contato, ou de confronto, entre uma realidade e uma língua, o intrincamento entre um léxico e uma experiência; gostaria de mostrar, por meio de exemplos precisos, que, analisando os próprios discursos, vemos se desfazerem os laços aparentemente tão fortes entre as palavras e as coisas, e destacar-se um conjunto de regras, próprias da prática discursiva. [...] não mais tratar os discursos como conjunto de signos (elementos significantes que remetem a conteúdos ou a representações), mas como práticas que formam sistematicamente os objetos de que falam. Certamente os discursos são feitos de signos; mas o que fazem é mais que utilizar esses signos para designar coisas. É esse *mais* que os tornam irredutíveis à língua e ao ato da fala. É esse “mais” que é preciso fazer aparecer e que é preciso descrever. (FOUCAULT, 1986, p. 56).

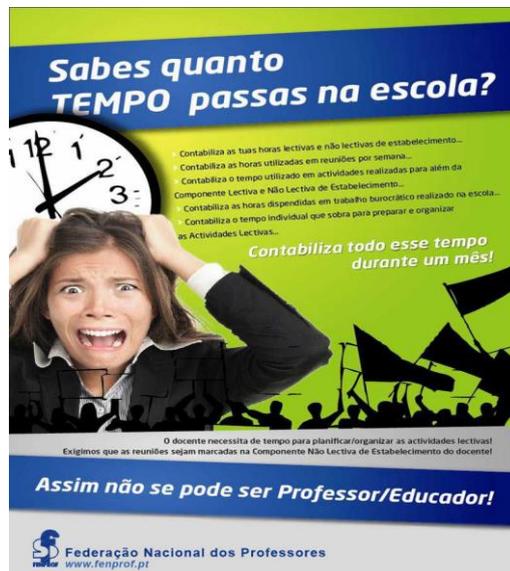
Nessa perspectiva, o discurso ultrapassa a utilização de letras, palavras e frases, não podendo ser entendido como um fenômeno de mera “expressão” de algo. Além disso, apresenta regularidades intrínsecas a si mesmo, através das quais é possível definir uma rede conceitual que lhe é própria. Esse “mais” a que o autor se refere, além de ser descrito, é

flagrado a partir do próprio discurso, até porque as regras de formação dos conceitos, segundo Foucault, não residem na mentalidade nem na consciência dos indivíduos; pelo contrário, elas estão no próprio discurso e se impõem a todos aqueles que falam ou tentam falar dentro de um determinado campo discursivo (FOUCAULT, 1986, p.70). Assim, no interior de cada discurso, podemos encontrar o sentido do que é dito, ligado a um posicionamento.

Rommetveit (1979, p. 95) ressalta que não há somente um conteúdo proposicional nos enunciados; existe, também, uma “arquitetura intersubjetiva” responsável pelo sentido e pela maneira como os enunciados perpassam a vida social. Lembra que o ato comunicativo pressupõe a transcendência dos mundos particulares dos sujeitos e das diferentes instâncias. A comunicação estabelece o que o autor chama de "estados de intersubjetividade" (ROMMETVEIT,1979, p. 105). Para explorar esses estados, o autor propõe um modelo constituído de um sistema de coordenadas, definido em três dimensões: o momento e o local em que a comunicação ocorre, e a identificação do ouvinte, do falante e vice-versa.

Para que essa concepção se torne mais clara, observe-se o exemplo a seguir:

Figura 1 - Sabes quanto TEMPO passas na escola?



FONTE: Federação Nacional dos Professores, 2010

Diferentes instâncias nos reportam a uma determinada representação de professor. As imagens e as escolhas lexicais presentes no cartaz orientam-nos às figuras de um docente desorientado e desvalorizado.

De acordo com Jodelet (2001 “toda representação está ligada ao esforço de pessoas e comunidades para representar a si mesmos, mesmo quando existe a intenção ativa de retirar e controlar a dimensão subjetiva da representação [...]” (apud, JOVCHELOVITCH, 2008, p. 175). Essa confrontação só é percebida numa perspectiva discursiva. Somente uma análise temática não permitiria tal inferência. O discurso não revela somente representações, mas convida-nos a pensar num todo coerente que desequilibra o pensar, sentir e o agir.

A exemplo disso, note-se que a pergunta do cartaz em destaque – letras brancas e grandes: “sabes quanto TEMPO passas na escola?” – já convida o leitor(professor) a problematizar a questão. A palavra “TEMPO” grafada em caixa alta e a repetição do termo “contabiliza” conferem um valor argumentativo no nível semântico. A partir do imperativo “contabiliza”, repetido diversas vezes, em sentenças diferentes, com a pontuação final reticências, há uma orientação para uma resposta negativa, por meio de encadeamentos sucessivos de enunciados.

1º. Contabiliza as tuas horas lectivas e não lectivas de estabelecimento...

2º. Contabiliza as horas utilizadas em reuniões por semana...

3º. Contabiliza o tempo utilizado em actividades para além da Componente Lectiva e Não Lectiva de Estabelecimento...

4. Contabiliza as horas dispendidas em trabalho burocrático realizado na escola...

5º. Contabiliza o tempo individual que sobra para preparar e organizar as Actividades Lectivas...”

Resposta: “Assim não se pode ser professor/ educador!”

Veja-se que, antes dessa resposta, há um posicionamento em 3ª Pessoa – “O docente necessita de tempo para planificar/organizar as actividades letivas!” –, que conclui a orientação gradativa e um posicionamento em 1ª pessoa do plural, no qual locutor e enunciadores, juntos, reivindicam: “Exigimos que as reuniões sejam marcadas na Componente Não Lectiva de Estabelecimento do docente!”

Essas vozes emergem nas práticas cotidianas e os questionamentos que giram em torno das diferentes maneiras de ver a profissão docente instauram-se na:

- voz do sindicato;
- voz de uma classe indignada;
- voz do professor explorado;

- voz de um professor insatisfeito.

Ora, é inegável que as mudanças culturais, sociais, tecnológicas fazem surgir novos estilos de vida e novas formas de organização social. Isso também interfere na maneira como vemos o mundo, tudo que faz parte dele e, ainda, como reproduzimos o que sentimos e pensamos, dando pistas do nosso agir, discursivamente.

Cabe destacar que, de certa forma, Bourdieu (1972) e Volochinov (2004) já se referiam às representações sociais valorizando a “fala” como expressão da condição de existência. Para Bourdieu (1972), a palavra é o símbolo de comunicação a representar o pensamento. Nessa direção, a “fala” revela “símbolos”, “sistemas de valores”, “normas”, funcionando como porta-voz de grupos em determinadas condições sócio-históricas. Bourdieu (1972) alinha-se a Volochinov (2004), que considera a palavra como um fenômeno ideológico:

Existe uma parte muito importante da comunicação ideológica que não pode ser vinculada a uma esfera ideológica particular: trata-se da comunicação da vida cotidiana. O material privilegiado de comunicação na vida cotidiana é a palavra. (VOLOCHINOV, 2004, p. 36).

Assim, ao reiterar o posicionamento de que as representações são concebidas como elementos históricos e sociais, que se manifestam de maneira dialógica nos discursos, penso, também, no valor semântico das escolhas lexicais, que comportam representações.

Em outro exemplo², tem-se:

“Ser professor ou professora é, muitas vezes, completar os laços da família, é ser paizão ou mãezona dos alunos, quando alguns se desencorajam, fraquejam com as lutas da vida e as dificuldades de se buscar um espaço digno de trabalho na sociedade, ou mesmo ser disciplinador em momentos de manifesta imaturidade.”

A modalidade epistêmica, elucidada no verbo “ser”, no infinitivo, e “é”, no presente do indicativo, reporta-nos a uma determinada crença do que é ser professor. As orações: “é

Fragmento do discurso referente à morte do professor do Instituto Metodista Izabela Hendrix, Kássio Vinícius Castro Gomes (2012).

completar os laços de família”; “é ser paizão”; “é ser mãezona dos alunos”; “é ser disciplinador” postulam uma representação de professor como extensão familiar. Os modalizadores “muitas vezes”, “quando”, “ou mesmo” reforçam essa representação. Observe-se que, quando temos escolhas lexicais (em negrito) como: “quando alguns se **desencorajam, fraquejam** com as **lutas da vida** e as **dificuldades** de se buscar um **espaço digno** de trabalho na sociedade”, projeta-se uma representação de aluno que carece do apoio e da orientação do professor. O modalizador temporal “quando”, na oração “**quando** alguns se desencorajam, fraquejam com as lutas da vida e as dificuldades de se buscar um espaço digno de trabalho na sociedade”, reforça uma representação maior da presença da figura paterna em um momento X.

A análise, acima, confirma o posicionamento de Jodelet (2001), ao enfatizar que o fenômeno Representações Sociais é algo natural em diferentes contextos, pois essas representações “circulam nos discursos, são traduzidas pelas palavras e em organizações materiais e espaciais” (JODELET, 2001, p. 17). Como ressalta Volochinov (1979), “cada palavra se apresenta como uma arena em miniatura onde se cruzam e lutam valores sociais [...] revela-se, no momento de sua expressão, como o produto da interação viva das forças sociais”. (VOLOCHINOV, 1979, p. 66).

Assim, partindo para o campo que envolve as representações e os modos de dizer, pauto-me em abordagens que nos revelam como a palavra, o símbolo da comunicação, representa o pensamento.

(RE)SIGNIFICANDO AS IMAGENS ACERCA DO PROFESSOR

Para se pensar nas representações sociais, fez-se necessário um percurso na memória e no presente de experiências vividas por esses sujeitos para tentar entender o movimento dessas representações hoje.

De acordo com o objetivo da pesquisa, seis questões foram propostas: a) com relação à imagem docente, quais são as suas memórias mais marcantes na sua história de aluno(a)? Enquanto estudante, algum professor lhe marcou positivamente ou negativamente? Como? Descreva. b) Para você, qual(is) a(s) principal(is) característica(s) que o professor deve possuir? c) Para você, qual seria a maior dificuldade, hoje, na profissão de professor? d) Como a sociedade, hoje, encara o professor? e) É fato que, hoje, o número de pessoas que se

interessam por ser professor é pequeno. Por que você acha que isso acontece? f) Se você tivesse que dirigir uma mensagem a um jovem que quisesse seguir a carreira de professor, que mensagem você daria a ele? Para este artigo, selecionei seis respostas de professores de língua portuguesa, atuantes no ensino fundamental, relativas à questão “f”: *Se você tivesse que dirigir uma mensagem a um jovem que quisesse seguir a carreira de professor, que mensagem você daria a ele?*

Cabe pontuar que, optei pela escolha de apenas uma questão para compor a pesquisa. A justificativa dessa escolha se deve em função da emoção, da dimensão afetiva que emergiu com maior intensidade, no momento do ato de reflexão para a composição da resposta. O espanto, o silêncio e o embargo da voz convergiam-se para uma autorreflexão dos próprios dizeres. Havia indícios de uma quebra de expectativa com relação às perguntas anteriores, ou melhor, a interrupção de uma sequência de repostas, gerando o *flashback*. Isso foi muito significativo, pois a emoção é o prelúdio da representação (WALLON, 2005). E, na interação com o meio, com o individual e o social, pode-se criar e responder, reajustar e transformar as nossas representações.

Com relação à análise dos dados, segui um viés que levou em consideração a interpretação que perpassa cada etapa do estudo – a observação, a entrevista, os discursos e, ainda, os resultados obtidos. Em outras palavras, a interpretação faz parte do caminho metodológico. Além disso, lidar com as representações dos sujeitos envolvidos na pesquisa, de certa forma, é trabalhar, também, com as nossas representações, o que envolve a “construção do/a pesquisador/a, que parte da sua própria cultura científica, e do conhecimento mais amplo da sociedade como um todo, que permite o ir e vir do seu olhar entre um grupo específico e o conjunto da sociedade.” (ARRUDA, 2005, p. 233). Nessa linha, a interpretação nos auxiliou a entender as etapas do estudo, o que os dados poderiam significar a partir do contexto produzido e do referencial teórico que nos orientou no problema a ser pesquisado.

Nos excertos apresentados, sinalizam-se as dimensões representacionais do ser professor e, ainda, a objetivação de um “eu”, isto é, a construção de um sujeito aconselhador e educador, quando se deparam com essa última questão provocadora. Nessa interação entre entrevistado e entrevistador, os discursos dependentes das condições de produção são ancorados no contexto imediato de produção, mas, também, numa memória discursiva.

Para ilustrar, leia-se a primeira resposta trazida a esta seção:

Cena da entrevista 1³

(...) eu diria... que ele deve escolher a profissão de professor se... ele realMENTe gostAR de tER convivência com as pessoas. Eu faria uma reflexÃO com essa pessoa... Do que você gosta? Por que você está pensando em SER professor? Eu não acredito que a pessoa vai escolher a profissÃO por saudosismo ou por paixão, entende? (...) Eu diria que ele deve escolher a profissão de professor se ele realmente gostar de ter convivência com as pessoas.⁴

Veja-se que o enunciador recorre ao uso da condicional “se” e ao modalizador “realmente”, elementos que acentuam o viés de advertência, como algo que precisa ser cumprido para ser professor. Seguindo essa linha, abre-se um espaço de reflexão, e o enunciador convida o interlocutor para também pensar sobre o assunto em pauta por meio de perguntas diretas. Note-se que há uma construção de um profissional ponderado; aquele que detém um saber sobre a escolha da profissão docente, pois acredita numa opção profissional, fundamentando-se no perfil de um profissional que gosta “de ter convivência com as pessoas”. Nessa linha, outros enunciadores são trazidos à cena para efeito de argumentação e fundamentação. Tem-se, assim, a emergência de vozes de um aconselhador, de um professor, participante de uma pesquisa, também pesquisador, e legitimando o papel nessa cena, de aconselhador. E, nesse ponto, no papel de aconselhador, agencia, no valor semântico dos termos “se” e “escolha”, o que é expresso e dito – seja professor – e o não dito – orientado pela ação do verbo “diria” no futuro do pretérito e, ainda, por uma modalização epistêmica, marcada no termo “realmente”, indicando um eixo de avaliação da condição de ser professor: siga outra profissão.

O discurso anterior nos faz retomar a heterogeneidade, cujo pressuposto atribui ao sujeito seu descentramento e, ao outro, um papel primordial no discurso do mesmo. (AUTHIER-REVUZ, 1990).

Para deixar clara essa abordagem, convém pontuar que, em Authier-Revuz (1990, 1998, 2004), a heterogeneidade é estabelecida a partir da noção de heterogeneidades enunciativas, apresentadas como: a *constitutiva* e a *mostrada*. A primeira refere-se “aos processos reais de constituição de um discurso”; a segunda, aos “processos de representação,

³ As transcrições das entrevistas para este estudo seguiram as normas sugeridas por KLEIMAN, A. B. (Org.). (2001). *A formação do professor – perspectiva da linguística aplicada*. Campinas, SP: Mercado das Letras. (Adaptado).

⁴ As entrevistas presentes neste artigo encontram-se na íntegra no estudo: LEITE, M. A. (2014). *Olhar(es) para o professor: representações sociais na trama da teia discursiva de educadores*. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Letras, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Belo Horizonte, MG.

num discurso, de sua constituição.” (AUTHIER-REVUZ, 1990, p. 32). Nessa perspectiva de distinção, mas não de separação entre as heterogeneidades constitutiva e mostrada, Authier-Revuz (1990) adota os casos de heterogeneidade mostrada como “formas linguísticas de representação de diferentes modos de negociação do sujeito falante com a heterogeneidade constitutiva do seu discurso” (AUTHIER-REVUZ, 1990, p. 26), considerando a existência de dois tipos de enunciados: aqueles que mostram a heterogeneidade, com marcas explícitas, e aqueles cujas marcas não são mostradas.

De qualquer maneira, as representações podem ser trazidas nos modos da presença do outro. Dialogicamente, no trabalho com o seu próprio dizer, o professor traz à tona a concepção de instâncias ligadas a um sistema tradicional, refutando-a, e marcando, então, a sua representação docente: “gostar de ter convivência com as pessoas”. Nessa visão, subentende-se o professor interativo.

Convém destacar que, no momento em que o gravador foi desligado⁵, o enunciador em foco indagou:

Cena da entrevista 2

Você já desligou o gravador? Olha, na realidade não é nada disso que eu queria dizer. Você sabe... Ser professor hoje é muito difícil. A indisciplina, os baixos salários, a desvalorização. Eu mesma já falei com a minha irmã que não vale a pena fazer licenciatura, quando ela demonstrou um interesse em fazer Letras. Não vale a pena ser professor, hoje!

Numa autocorreção, metadiscursivamente, o enunciador se desenha, agora, como um profissional que vive os problemas atuais que cerceiam o trabalho docente: “indisciplina”, “baixos salários”, “desvalorização” da pessoa e do profissional. Utiliza, inclusive, uma experiência pessoal ao dissuadir a irmã no prosseguimento dos estudos buscando licenciatura com argumentos baseados na sua realidade. Nessa medida, conduz o interlocutor a perceber o lado negativo da profissão e projeta-se, assim, a representação do professor desvalorizado.

Cabe destacar que essas representações nos permitem refletir, inclusive, acerca dos novos significados do fazer docente. Esse sujeito assume-se como um trabalhador, que tem nas suas práticas de linguagem, a orientação do “ser professor” e a compreensão dos processos de letramento dos quais ele faz parte.

⁵ Após desligar o gravador, a entrevista ainda permaneceu em tom informal, quando a entrevistada abre um discurso em tom de desabafo. Convém pontuar que, a entrevistadora solicitou permissão ao sujeito da pesquisa para transcrever aquele depoimento. Houve o consentimento. Após a transcrição, o texto foi lido para a entrevistada e a mesma autorizou o seu uso em pesquisas.

De acordo com Charaudeau (2006), o sujeito apresenta uma identidade social que funda a sua legitimidade de ser comunicante em decorrência do estatuto dos papéis que lhe são atribuídos pela situação comunicativa. No primeiro relato desse enunciador, há indícios de um querer dizer tendo em vista o pesquisador, a investigação e o próprio papel que o participante assume naquele evento, considerada, sobretudo, a questão que lhe foi proposta.

No segundo, considerando a situação de enunciação, o enunciador dirige-se ao entrevistador convidando-o para aderir ao seu posicionamento. Esse convite marcado pela escolha “você sabe” direciona o discurso a um interlocutor, no caso o entrevistador, a um grupo particular, que também pode compartilhar daquela representação. Observe que a escolha lexical “eu mesma” acentua e legitima o seu argumento de detentora de uma experiência de quem sabe o que fala. É claro que convém destacar que se constrói, aqui, uma identidade discursiva do enunciador, aconselhador, atrelado aos papéis atribuídos no ato de enunciação, decorrentes das coerções comunicativas que lhe são impostas e das estratégias discursivas que ele resolve seguir, por isso um discurso com o gravador ligado, e tudo que envolve essa cena, e outro, com o mesmo desligado. Charaudeau (2006) sustenta, então, que as identidades podem fusionar no *ethos*, visto que a distinção entre tais identidades – social e discursiva – é tênue, sobrepondo-se muitas vezes uma na outra.

No próximo fragmento de outra resposta, o riso do enunciador parece contemplado por um ar disfarçado de ironia, atitude que pode estar orientada para uma proteção de face, visto tratar-se de uma temática de seu trabalho diário, ou por considerar difícil aconselhar um jovem a seguir a profissão docente, levando-se em consideração a realidade precária que envolve algumas instituições de ensino e seus colaboradores.

Cena da entrevista 3

(risos) Ah, eu não sei... É um trabalho que requer muita dedicação, uma certa devoÇÃO, um esforço, um empenho... a mensagem é... se dedica ao MÁximo possível para ser um BOM professor, dar uma BOA aula e, também, se enCARE como professor... se identifique como professor, SEJA como um trabalhador que atue nessas condições preCÁrias!

Em virtude das possibilidades, marcadas pelo “não sei” e pela força ilocucionária assertiva da expressão “é um trabalho que requer X”, infere-se que o sujeito constrói sua resposta recorrendo ao tom de reflexão e posterior aconselhamento. As escolhas lexicais como “devoção”, “esforço” e “empenho” orientam-nos para uma representação de trabalho docente ancorada numa memória discursiva ligada ao sacerdócio. As especificidades do ser professor

para esse enunciador, aconselhador, são postas gradativamente, acentuando e assinalando o ideal positivo para o perfil docente: “se dedica ao máximo”; “dar uma boa aula”. O enunciador se apropria de um discurso militante, de uma Pedagogia Libertária (GALLO, 1996), na qual se prioriza o discurso e a ação. Nessa linha, destaca mais uma especificidade, por meio do discurso imperativo pautado no “se encare”; “se identifique” como professor.

O não dito emerge numa voz que adverte:

- Existe trabalhador que não atua em determinadas “condições precárias”.

E, também, o dito numa voz que incentiva.

- se encare como professor, se identifique como professor, seja como um trabalhador que atue nessas condições precárias.

O discurso imperativo é concluído pelo eco de um enunciado marcado pela ironia. Essa ironia é construída gradativamente nas ações verbais cujo alvo determinado é o futuro professor. Aqui, a autonomia e o sarcasmo se mesclam quando o enunciador como professor faz eco a si mesmo e no momento que se faz referência ao seu interlocutor.

Nessa construção discursiva, emerge a representação marcada por uma dimensão estereotipada do professor submisso ao sistema.

Na próxima mensagem, observe-se que o enunciador desenha o docente como aquele que se constrói como profissional tanto na academia, quanto na prática, concluindo esse processo de construção naquele que edifica o conhecimento: o professor.

Cena da entrevista 4

(risos) as coisas são muito complexas. Eu incentivaria, puxa, é LEGAL demais! Isso MESmo! Mas... eu acho que é preciso falar daquilo que é negativo. Eu acho que o problema é esse. Na escola só se aponta o que é negativo, sabe? Você chega na academia, só se aponta o que é posiTIvo. Só tem coisas boas... só tem coisas maravilhosas::: lá é o paraíso. Você chega dentro... em sala de aula... você vai ver as crianças... os adolescentes... lá... querendo aprender... você vai passar, ensinar a fazer análise sintática... é a coisa mais LEGAL do mundo fazer análise sintática e NÃO é. É tediOSO! Você chega na escola, por exemplo, como estagiário, e só falam coisas negativas para você! E você não está formado ainda! As pessoas não têm um pingão de misericórdia de você! Não tem um pingão de misericórdia. Não mexe com isso não! Você que é o ingênuo que vem com essa visão romântica. Ihhh, vem você com o discurso da ACADEMIA! Você que é o inocENTE! Você vem com esse discurso romantizado da academia, com essa visão idealizada do ensino. Meu Filho, aqui... é OUtra realidade! E, você pensa, nossa, eu aprendi ISSO, na disciplina universitária... E, você fica nesse choque! Mas, eu incentivaria, porque precisa! Você precisa do professor como precisa do médico. Eu não vou falar, o professor é a melhor profissÃO do que as outras,

porque....TODA profissão é digna. Se não tiver um pedreiro para construir a casa... meu amigo, o médico tem que sair de lá... para construir... alguém tem que fazer... Toda profissão é digna e tem que ser valorizada. E se essa pessoa quer ser professor, é um desejo dela, ela deve pensar qual é o meu papEL ALI? Eu quero fazer diferença na vida do OUtro? É isso.

O riso antevê a resposta. Não se pode afirmar, contudo, se o riso desse enunciador denota ironia ou certo conforto/desconforto quando solicitado a construir a mensagem acerca do aconselhamento. O indício de um incômodo da pergunta se acentua quando o enunciador discorre sobre a complexidade “das coisas”, isto é, o que cerceia o universo docente. Após segundos de introspecção, refaz-se para acenar positivamente no incentivo proposto: ser professor. Apesar de recorrer ao termo incentivar, esse enunciador se constrói muito mais na ação da advertência. Ao retroagir em seus pensamentos, como um professor em formação, apresenta-nos os dois polos que perpassam a formação docente: i) crítica à universidade, um lugar onde se preconizam os aspectos positivos que envolvem o ser docente; ii) julgamento das práticas de ensino no cotidiano da sala de aula.

A dicotomia de um discurso da universidade e de outro pautado na prática docente é legitimada no interdiscurso da equipe pedagógica ancorado numa ideia “romantizada da academia” e na “visão idealizada de ensino”.

Pode-se observar que, no discurso indireto do professor em formação, não há somente o discurso de um jovem ingressante na carreira docente, mas, também, os posicionamentos de outras instâncias: universidade, escola e equipe pedagógica. Esse posicionamento está pautado num já-dito, imbricado em nós e nas estratégias discursivas, marcadas por uma orientação axiológica, nas quais os enunciadores se incluem. Essa dimensão axiológica segue uma linha:

- o professor em formação é inocente;
- o professor em formação possui uma ideia romântica da escola;
- a escola é outra realidade;
- o discurso da universidade é muito distante da prática escolar.

Diante disso, o incentivo fica à margem. Porém, é resgatado pelo enunciador quando representa essa profissão como honrada, acentuando-a como qualquer outra. Nesses termos, recorre à escolha de duas profissões para ilustrar o seu modo de configurar o docente. A primeira escolha, “pedreiro”, acentua a dignidade. Subentende nesse termo uma metáfora

ligada àquele que possui característica em torno do edificar o saber. A outra, ao médico, infere-se uma imagem ancorada ao ato de prestar assistência.

A escolha desses termos, isto é, dessas profissões, considerada a ação de comparação realizada, revela que se opera com elementos que não estão no mesmo plano, tendo em vista o valor que estes recebem em nossa cultura. Na concepção desse enunciador, independente do *status* do profissional, o edificar e o cuidar se aproximam, em termos de ações dignas, porém, ele deixa transparecer em seu discurso, na comparação estabelecida, que o construir está na base metonímica do ensinar; desse modo, o professor estaria para o pedreiro, e não para o médico. Essa representação docente, próxima à imagem de pedreiro, está fundamentada na ação da construção de X, nesse caso, do conhecimento. Pode-se inferir, assim, que o professor é a base para outras profissões, como a do médico.

Em outro pronunciamento, o riso novamente emerge antes da verbalização de um ponto de vista.

Cena da entrevista 5

(risos) aH... se for realmente um objetivo de sua vida, VÁ em frENte! Você vai encontrar esPINhos no caminho, nem tudo são flores, mas a recompensa vem! Se você gosta, né, o retorno é garantido. Toda área de atuação você tem a parte espinhosa... e com certeza... quando:: é aquilo que você gosta... pode ser qualquer outra profissão... a... mais simples possível, mas se você gosta, você irá encontrar algo diferente.

A interjeição, junto a uma pequena pausa e a condicional “se”, prepara o interlocutor para a advertência à resposta. Mas, na realidade, a resposta vem bem sintetizada, numa voz social da academia: “vá em frente”.

Em seguida, os dizeres de uma instância cidadã se instauram advertindo o interlocutor sobre a sua escolha, pois “nem tudo são flores”. Subentende-se no dito popular, de conteúdo moral, uma advertência marcada, talvez, pelas experiências advindas do contexto que o cerca.

Numa orientação axiológica, a representação positiva do exercício professor emerge, desenhando uma cena do

- seguir em frente;
- deparar-se com a parte espinhosa;
- encontrar a recompensa.

Há, nesse ponto, uma voz social, aquela do exercício beatífico, que marca a possível trajetória do professor. Uma trajetória posta e aceita em termos do gostar e no que é obtido: a recompensa, por isso, a satisfação pelo fazer numa ação de incentivar. Constrói-se, aqui, a representação de um profissional convicto de seu gosto.

No próximo exemplo, o enunciador inicia a sua resposta com uma interjeição, orientando-nos para um estado emocional de surpresa do que foi solicitado.

Cena da entrevista 6

nOSsa! É muito complicado isso. Eu já me fiz essa pergunta algumas vezes e já fiz e refiz as respostas. Mas eu acredito, se ele tem o DOM, uma vocaÇÃO, e ele se coloca como capaz em dois lados: o lado do estudo, e:: do aprimoramento. Então, deve seguir em frente.

No movimento da construção da resposta, já indicia a complexidade do aconselhamento e se mostra irresoluto no fazer e no refazer das respostas para ele próprio. Nesse instante, instaura-se um ser sujeito que abre uma autorreflexão com ele mesmo. Em seguida, assume-se como um aconselhador e, numa modalização da certeza do acreditar, nas escolhas “mas eu acredito”, representa o professor como aquele que “tem o dom”, “uma vocação”. A relação interdiscursiva pautada numa perspectiva missionária remete ao tom da advertência no não dito. Por outro lado, as escolhas lexicais “do estudo e do aprimoramento” alimentam o discurso acadêmico que avalia positivamente a escolha do interlocutor de seguir em frente. A repetição dessa ideia, de natureza pleonástica, acentua o ato de incentivar.

Veja-se que o ser professor se volta para qualificações ligadas a uma prática social e humana, remetendo-nos aos valores construídos ao longo da história da identidade docente.

A imagem positiva desse profissional parece estar atrelada aos discursos que evocam uma figura daquele profissional que pratica coisas boas. Por isso, a constituição do ser professor está ligada, aqui, a uma essência pautada na dignidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os dados revelaram que, apesar de emergir no nosso cotidiano um discurso da instância cidadã que nega a escolha da profissão docente “por saudosismo ou por paixão”, existem representações ancoradas em especificidades do professor vinculadas ao “dom”, a

“uma vocação”. Essas representações estão cristalizadas num viés tradicional do “seja como um trabalhador que atue nessas condições precárias”.

Isso não quer dizer que os professores vivam essa prática, apesar de discursivisá-la. Como existe uma pressão social para que possam alterar as suas formas de pensar, agir e sentir, os educadores tentam reelaborar as representações, às vezes, no espaço do “Não vale a pena ser professor, hoje!”. No processo de reconstrução de representações, a reelaboração, mais uma vez, se instaura, quando os educadores abrem espaço para reflexão, procurando respostas para o baixo lugar social da profissão.

No movimento dos processos representacionais emergem figuras docentes ligadas a um perfil idealizado em termos de constituição, pautado numa imagem ainda que missionária; num viés interativo, voltado para a ação, e realizado, legitimando-se numa concretização. Nesse sentido, os educadores seguem uma ação de advertência, uma chamada de atenção para problemas que perpassam a profissão.

Os resultados revelaram, ainda, dois grandes desafios na esfera educacional. Esses desafios influenciam as representações. O primeiro diz respeito à preparação do professor, ainda em formação, para a prática. O distanciamento desses dois discursos – acadêmico e da escola – dificulta a concretização do perfil desse profissional, o que pode gerar questionamentos tais como: que professor eu sou? Uma dúvida que insurge do “discurso romantizado da academia”. E, o que eu devo fazer aqui, na escola, já que “é outra realidade?”.

Enfatiza-se, ainda, que, os resultados desta pesquisa convidam-nos para o início de uma ação que contemple reflexões sobre os processos de mudanças em representações que envolvem os papéis dos professores.

Coloca-se, aqui, uma possibilidade de (re)fazer caminhos e imagens, a partir do lugar da memória, da experiência e do saber docente, num processo partilhado.

REFERÊNCIAS

ARRUDA, Ângela.. Despertando do pesadelo: a interpretação. In: A.S.P. MOREIRA, B.V. CAMARGO, J.C. JESUÍNO E S.M. NÓBREGA (Org.). *Perspectivas Teórico - Metodológicas em representações sociais*. João Pessoa: Editora Universitária UFPB, 229-258. 2005.

AUTHIER-REVUZ, J. Heterogeneidade(s) enunciativa(s). In: *Cadernos de estudos linguísticos*, Campinas (SP): UNICAMP – IEL, n. 19, jul./dez., 1990.

AUTHIER-REVUZ, J. *Palavras incertas: as não-coincidências do dizer*. Campinas (SP): Ed. da Unicamp, 1998.

AUTHIER-REVUZ, J. Heterogeneidade mostrada e heterogeneidade constitutiva: elementos para uma abordagem do outro no discurso. In: AUTHIER-REVUZ, J. *Entre a transparência e a opacidade, um estudo enunciativo do sentido*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

BOURDIEU, Pierre. *Squisse d'une théorie de la pratique*. Paris: Librairie Droz, 1972.

CHARAUDEAU P. *Discurso das mídias*. Tradução Ângela S. M. Corrêa. São Paulo: Editora Contexto, 2006.

FENPROF. *Sabes quanto tempo passas na escola?* 28 dez. 2010. Disponível em: <<http://www.fenprof.pt/>>. Acesso em 28 dez. 2010.

FOCAULT M. *Arqueologia do Saber*. Trad. L. F. Baeta Neves. Petrópolis (RJ): Vozes, 1986.

GALLO, S. *Pedagogia Libertária: Princípios Políticos-Filosóficos*. In: P., M. O. (Org.) *Educação Libertária: textos de um seminário*. Rio de Janeiro: Achiamé; Florianópolis: Movimento, 1996. Disponível em: <<http://www.hipernet.ufsc.br/foruns/autonomia/pedago/gallo/princ.htm>>. Acessado em: 28 set. 2009.

JODELET, D. *As Representações Sociais*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.

JOVCHELOVITCH, S. *Os contextos do saber: representações, comunidade e cultura*. Petrópolis/RJ: Vozes, 2008.

KLEIMAN, A. B. (Org.). *A formação do professor – perspectiva da linguística aplicada*. Campinas, (SP): Mercado das Letras. 2001.

LEITE, M. A. (2014). *Olhar(es) para o professor: representações sociais na trama da teia discursiva de educadores*. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Letras, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Belo Horizonte, MG.

REDAÇÃO Metodista. *Ser professora e professora*. 13 de set. 2013. In: *Igreja Metodista Portal Nacional*. Disponível em: <<http://www.metodista.org.br/ser-professor-e-professora>>. Acesso em: 08 nov. 2012.

ROMMETVEIT, R. On the architecture of intersubjectivity. In: ROMMETVEIT, R. & BLAKAR, R.M. (Eds.). *Studies of language, thought and verbal communication*. London: Academic Press, 1979.

VOLOCHINOV, Valentin. *Marxismo e filosofia da Linguagem*. São Paulo: Hucitec, 2004.

WALLON, H. P. H. *A evolução psicológica da criança*. Lisboa: Edições 70, 2005.

Data de recebimento: 09/02/2015
Data de aprovação: 11/05/2015